

CADERNO DE RESUMOS

XII SEMANA DE LETRAS



Universidade do Estado do Amazonas
Centro de Estudos Superiores de Parintins
Colegiado de Letras
Parintins – AM
2019

**Weberson Fernandes Grizoste
(Org.)**

Caderno de Resumos XII Semana de Letras

<https://letrascsp.weebly.com/>
<https://amazonas.academia.edu/latinitas>
<https://www.facebook.com/latinitates/>
<https://latinitates.weebly.com/>
<https://latinitates.com>

Arte da capa: Personalize Soluções Gráficas

ISBN: 978-85-7883-507-1

Universidade do Estado do Amazonas
Centro de Estudos Superiores de Parintins
Colegiado de Letras
Parintins – AM
2019

De acordo com as leituras feitas dos Carmen catulianos, não há uma sequência cronológica quando o poeta se refere à musa de sua poesia, tanto que é possível observar em muitos poemas, que o poeta demonstra a sua paixão com palavras doces. Veremos aí, muito, esse mesmo poeta em melancolia, por não ter certeza da reciprocidade dos sentimentos de tal mulher. Por fim Catulo ao expressar através da poesia seus mais eloquentes sentimentos, assim como também uma forma de criticar seus rivais e sua sociedade, provocando através da arte do fazer poético, escreve com perceptíveis exageros, suas loucuras, onde usa ao seu favor a criatividade e a retórica, onde constrói a sua verdade poética.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Katia Teonia Costa de. *Coma Berenice: uma leitura do poema 66 de Catulo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.
- CATULO. *O Cancioneiro de Lésbia*. Trad. Paulo Sérgio Vasconcellos. São Paulo Editora Hucitec, 1991.
- ___ *Odeio e amo*. trad. José Ribeiro Ferreira, Coimbra, Minerva, 2005.
- COSTA, A. *Elementos populares em Catulo*. São Paulo, Cruzeiro, 1952.
- ___ *Temas clássicos*. São Paulo, Cultrix, 1978.
- PARATORE, Ettore. *História da literatura latina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.
- POLASTRI, Bárbara. MORAES, Cláudia P. Fidelix. ALVES, Diogo. FAUSTINO Raquel. “Catulo: uma nota introdutória”. *Ensino, Língua e Literatura* 3 (2008)
- SOUZA, Rômulo Augusto de. *Manual de história da literatura latina*. Belém: Serviço de Imprensa Universitária, [s. d.].
-

ECOS DO EPICURISMO EM HORÁCIO

RODRIGUES, André Luís Martins⁴

GRIZOSTE, Weberson Fernandes⁵

RESUMO: *A filosofia epicurista nasceu através de Epicuro em 306 a.C., na Grécia, e consistia-se na busca do prazer utilizado de forma equilibrada. Ecos desta doutrina podem ser encontrados na lírica de Quinto Horácio Flaco, poeta romano do século I a.C., e vamos analisa-lo especificamente em seus quatro livros das Odes, através dos conceitos sobre a brevidade da vida, a questão da morte, a escolha pela simplicidade e a vivência da justa medida.*

Palavras-chave: *epicurismo, Horácio, odes, justa medida, carpe diem.*

⁴ 3º ano de licenciatura em Letras (CESP-UEA); pesquisador do PIBIC/CNPq: randreluis500@gmail.com

⁵ Professor adjunto de latim e estudos clássicos: wgrizoste@uea.edu.br.

INTRODUÇÃO

A filosofia epicurista surgiu na Grécia em 306 a.C. Fundada por Epicuro de Samos (342/341 a 270 a.C.) em um período sócio-político conturbado da história grega, tem o objetivo de aperfeiçoar o conhecimento interior do homem e libertá-lo de suas preocupações externas, além de buscar libertar o homem de temores abstratos que o impediam de viver plenamente. Portanto, o objetivo primordial do epicurismo consistia no alcance do prazer, desde que este seja utilizado na medida certa, ponto que o difere da doutrina hedonista, que prega um prazer buscado a qualquer custo. Os ecos da filosofia de Epicuro podem ser encontrados séculos mais tarde na poesia latina. Um dos principais motivos para a difusão da filosofia epicurista dentro da cultura latina deve-se ao período conturbado pelo qual Roma passava, igualmente ao período ocorrido no surgimento na sociedade grega.

METODOLOGIA

As técnicas de pesquisa são: bibliográficas e documentais, com base em estudos elaborados sobre a poesia lírica de Horácio e as escrituras do filósofo Epicuro. Daí partimos para análise com base nos teóricos Oliveira (2009) e Moraes (2010) afim de discutir acerca dos ecos epicuristas ressonantes na lírica horaciana.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os ecos da filosofia epicurista podem ser observados na obra horaciana, em odes cujas temáticas correspondem à brevidade da vida, à morte inevitável, à escolha pela simplicidade da vida em oposição aos grandes luxos e à justa-medida. Para esta ocasião selecionamos algumas.

A ode 1.4 se caracteriza como um canto de celebração para a chegada da primavera. Passado o inverno, é tempo de se aproveitar o novo período que chega: “agora é tempo de cingir a luzidia testa com o verde mirto | ou com a flor que a terra livre trouxe” (Hor. *Od.* I.4.9-10). O poeta aconselha a se viver o agora, pois breve é a duração da vida e isto impede que o homem possa criar esperanças duradouras ou eternas, pois ao chegar da morte tudo aquilo que foi conquistado durante a vida também chega a seu fim.

A pálida Morte com imparcial pé bate à porta das cabanas dos pobres e dos palácios dos reis. O Séstio feliz,
a breve duração da vida impede-nos de encetar duradouras
esperanças, em breve te oprimirá a noite, e os Manes da lenda
(Hor. *Od.* 1.4.13-16).

Ao aproveitar o agora, o homem deixa de se preocupar com a longa ou curta duração de sua vida, e é assim que fora aconselhado Séstio, por Horácio, na ode 1.4, para que não se criem esperanças no futuro, em

decorrência da brevidade da vida. Exortação semelhante que se poderá observar na ode 4.7.

Ao cantar sobre a ciclo das estações, Horácio põe em oposição o ciclo renovável infinito da natureza à vida humana, que por sua vez é finita, e exorta: “nada esperes de imortal; é o conselho do ano e da hora | que o ameno dia rouba” (Hor. *Od.* 4.7).

A ode 1.11 contém a máxima mais recorrente de Horácio, o *carpe diem*. O poeta exorta para que seja aproveitado o momento presente, e que não sejam criadas preocupações acerca daquilo que o futuro reserva para cada um pois de além de ser algo proibido pelos deuses (Hor. *Od.* I.11.1-2), a preocupação com os dias futuros impede que o homem aproveite o presente. Para Tringali, “importa (apenas) gozar o dia de hoje, colher o dia que foge, como se fosse o último, *carpe diem* (*apud* OLIVEIRA, 2009, p. 40). Novamente, Horácio reafirma a brevidade da vida para justificar sua exortação: “enquanto falamos, já invejoso terá fugido o tempo | colhe cada dia, confiando o menos possível no amanhã” (Hor. *Od.* 1.11.7-8).

Para Epicuro, “nenhum prazer em si mesmo é um mal, mas aquilo que produz certos prazeres acarreta sofrimentos bem maiores do que os prazeres (*apud* MORAES, 2010, p. 25). O prazer acaba por se tornar um mal se este é utilizado de modo desenfreado. Há que encontrar um equilíbrio no ato das coisas, o limite do permissível que gera prazê. Horácio exemplifica esta máxima em sua ode báquica 1.18, ao celebrar o uso do vinho, canta-nos as consequências, boas e más, acarretadas pelo bom e mau uso da bebida. Assim, ao mesmo tempo que o vinho pode gerar consequências positivas, como desvanecer do pensamento humano as preocupações externas (Hor. *Od.* I.18.4-5), pode também gerar consequências negativas. E não há nenhum exemplo melhor que buscar na mitologia latina, então Horácio relembra a violenta guerra travada entre Centauros e Lápitas, causada após um dos centauros embriagar-se no casamento do rei Píritoo e tentar violar sua noiva (1.18.8).

Na ode 2.16 pode se observar que mesmo a riqueza não é capaz de libertar o homem das inquietações da vida ou de comprar a sua tranquilidade. Pelo contrário, vive bem somente aquele que não possui a cobiça e que vive de modo humilde. Horácio reafirma, como em muitos outros passos, a brevidade da vida e retoma a exortação de que não se deve preocupar-se com o futuro: “que a alma, feliz com o presente, odeie preocupar-se | com o que é futuro (Hor. *Od.* II.16.25-26). De fato, é bastante evidente, na ode 3.1 a recusa do poeta pelo luxo e riquezas. Aí o poeta cita diversas perturbações das quais os que vivem de modo simples estão livres, afim de demonstrar as desvantagens daqueles que cobiçam mais do que o necessário. Compactua, desse modo,

com os ideais de Epicuro, quando este afirma que “o justo desfruta plena serenidade; o injusto, porém, está cheio da maior preocupação” (*apud* MORAES, 2010, p. 34). Enfim, para Horácio a verdadeira riqueza pode somente ser alcançada após o homem dominar sua própria ganância e utilizar seus bens de modo correto e moderado, a exemplo de Proculcio (Hor. *Od.* II.2).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos princípios da doutrina epicurista discutidos anteriormente e de sua recepção na sociedade latina do século I d.C pode ser constatado, através das análises e discussões realizadas, que o pensamento de Epicuro é notável dentro da lírica horaciana, comprovado a partir das temáticas relacionadas à brevidade da vida, à imprevisibilidade da morte, a preferência pela simplicidade da vida e a *justa medida* no viver, presentes ao longo das *Odes* de Horácio. Com isso, pode-se afirmar que o poeta compactuava de modo significativo com os ideais pregados pelo filósofo, e os repassava à sociedade latina através de seus poemas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CÂMARA, Uipirangi F. “A porta e o jardim: uma introdução ao epicurismo e estoicismo da Grécia pós-socrática” *Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET*. 2014.
- EPICURO. *Carta sobre a Felicidade (a Meneceu)*. Trad. Álvaro Lorencini e Enzo del Carratore. São Paulo: Unesp, 2002.
- EPICURO. *Máximas principais*. Trad. João Q. Moraes. São Paulo: Loyola, 2010.
- HORÁCIO. *Odes*. Trad. Pedro Braga Falcão. Lisboa: Cotovia, 2008.
- MORAES, João Q. *Epicuro: máximas principais*. São Paulo: Edições Loyola, 2010.
- OLIVEIRA, Sandra Verônica Vasque Carvalho de. *Ressonâncias epicuristas na lírica horaciana*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

HORÁCIO E O DIREITO DE MORRER: EUTANÁSIA NA ANTIGUIDADE?

GRIZOSTE, Weberson Fernandes⁶

RESUMO: Esta apresentação consiste-se numa introdução hermenêutica ao *ius perire* de Horácio. Faz-se abordagens acerca do suicídio, e/ou da morte assistida na literatura e filosofia greco-latina: Sófocles, Platão, Virgílio e ligeira comparação com Sêneca. Remata com uma apreciação do *ius perire* que paradoxalmente frente ao *carpe diem* horaciano coloca-nos no problema filosófico de Camus (2017), o suicídio.

⁶ Doutorado em Poética e Hermenêutica (Universidade de Coimbra; professor adjunto de Latim e Estudos Clássicos (CESP-UEA): wgrizoste@uea.edu.br